

SBARDELOTTO, Moisés. E o verbo se fez bit: **a comunicação e a experiência religiosas na internet**. Aparecida: Santuário, 2012.

Paulo de Tarso Roma de Oliveira<sup>1</sup>

Moisés Sbardelotto é Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O estágio doutoral subsidiado pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE/Capes) foi realizado na Università di Roma "La Sapienza", na Itália.

Ao refletir sobre a comunicação e a experiência religiosas na *internet*, o autor estabelece um diálogo com sua própria experiência no campo acadêmico, mas também religioso católico, uma vez que foi membro da Comissão Especial para o Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tendo prestado estimado serviço de assessoria e consultoria a diversos organismos eclesiais no âmbito da comunicação.

O livro busca lançar luz à tensão hoje bastante recorrente entre a Igreja Católica e sistemas paralelos de vivência e prática da vida religiosa, o que tem levantado uma série de questionamentos sobre a validade de práticas desprovidas de amparo legal por parte da Igreja. Isto se dá pela convergência de ritos e práticas eclesiais bastante comuns no seio das famílias brasileiras ou mesmo de fieis anônimos, que dialogam com outras matrizes religiosas, reeditando modelos e padrões tradicionais afetos ao catolicismo histórico.

É digno de nota que a partir da década de 1990 esse fenômeno ganhou maior dimensão com a consolidação das ferramentas interativas virtuais, inicialmente protagonizados pelas salas de bate-papo e, posteriormente, com redes sociais virtuais interativas de maior alcance, tais como o *Facebook*, que conseguiram canalizar para si espaços de mediação outrora configurados apenas nos limites regionais de pertença social dos indivíduos.

O vasto leque de temas afins na literatura, tais como as reflexões sobre os ciberespaços sagrados (Andrade, 2007), catolicismo midiático (Carranza, 2011), Igrejas eletrônicas e midiatização (Fausto Neto, 2010), globalização cultural (Melo, 2002), entre outros, justificam a importância da obra por contribuir no aprofundamento dessa temática, com potencial para abrir caminho para a consolidação do campo da Sociologia Virtual, uma vez que são temáticas ainda tratadas

---

<sup>1</sup> O autor é doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

sob o pano de fundo da Sociologia tradicional, reeditando conceitos clássicos dessa escola do pensamento, os quais pavimentam o caminho dos pesquisadores das Ciências Sociais.

A partir da adoção de uma metodologia analítica quantitativa, o autor desenvolve sua coleta de dados em quatro *sites* católicos: CatolicaNet, irmãs apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná, A12 e Padre Reginaldo Manzotti, buscando mapear os caminhos da religiosidade virtual, e de forma especial como isso ocorre no catolicismo.

Quanto à estruturação, o livro está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo é feita uma reflexão sob uma perspectiva mais geral, da relação entre religião e *internet*, com o intuito de mostrar e demonstrar aspectos-chaves desta relação no que tange ao processo de transferência do *corpus* religioso institucional para os ambientes virtuais.

Amparado por um conjunto teórico bastante sólido, o autor ressalta que no ambiente virtual a religião é apropriada a partir de descontinuidades e rupturas por parte dos fieis, sendo a afirmação de novos “eus” e *selfs* mais autônomos, uma característica que favorece a modelagem de uma nova interpretação e prática da fé, no âmbito relacional, mas também das práticas ritualistas que nesses espaços são reeditadas.

Questões como adaptação e transformação parecem sinalizar para um movimento duplamente identificado nas redes sociais: a Igreja, num embate interno em busca de uma identidade virtual ainda não plenamente definida, e o fiel, que se aproveita da fluidez desses espaços para reeditar seu repertório biográfico de fé.

O fato é que a coexistência de novas visões e interpretações da fé religiosa, uma vez deslocadas da tradição, coloca os internautas num intenso movimento de rupturas internas, que ao mesmo tempo se constitui para eles um desafio de experimentação nunca antes possível, com consequências diretas na construção de um novo biotipo religioso.

Amparado por estudos como os de Dawson & Cowan (2004), Young (2004), Costa & Silva (2005), algumas questões conceituais vão sendo revistas para que possam subsidiar a correta interpretação do que é ser religioso nos ambientes interativos virtuais. Por exemplo, a relação de convergência *online offline* coloca em xeque até que ponto há uma redução ou expansão do fenômeno religioso quando absorvido pela rede.

Outro conceito que passa pela mesma avaliação é “religion online” e “online religion”, que embora pareçam pertencer ao mesmo campo semântico, contudo apontam estágios passivos de recepção/interpretação, de um lado, e, por outro, espaços de participação ativa nas atividades religiosas.

Importante que essa participação ativa leva em conta também a questão do tempo de ingresso e de movimentação nos ambientes virtuais. Importantes estudos têm sido feitos nesse sentido, apontando uma permanência contínua dos internautas em rede, como os de Hine (2004, 2012) ao instaurar a metodologia da etnografia virtual, que se consolida por, entre outros fatores, extinguir os rituais de entrada e saída no mundo virtual.

Ainda em relação a essa dualidade que busca identificar a movimentação do sujeito religioso no interior da rede, e em intenso processo de intercâmbio, nos espaços interativos devem ser consideradas as formas de apropriação, estabelecendo uma relação quantitativa instável do ponto de vista do sujeito, que nem sempre desenvolve a plena noção dos elementos comunicacionais envolvidos no processo em si.

Há de ressaltar que essas questões não têm ficado à deriva da literatura sociológica contemporânea, que tem buscado aprofundar esses temas ao adotar abordagem semelhante. Refiro-me, por exemplo, a Bruno-Latour (2009, 2012) e sua teoria ator-rede, que se apóia numa interpretação funcional das ferramentas disponibilizadas nesses ambientes e desenvolve um tipo de antropomorfismo tecnológico capaz de demonstrar o papel ativo desses aparatos tecnológicos nos processos relacionais.

Outra questão importante que o primeiro capítulo coloca em evidência é visão pragmática da religião virtual, colocando os três personagens centrais do fenômeno religioso ocupando o mesmo espaço, sob uma mesma condição relacional: o fiel, Deus, a Igreja.

Justamente por isso, é inevitável que sejam incorporadas à discussão temáticas como mediação da fé, que ganha novos ingredientes para que aconteça – Deus se condensa nesse espaço e assume uma dimensão virtual; o *sensorium* humano, que transcende o padrão natural de sensibilidade do sujeito, que agora agrega o eletrônico e, com isso, penetra em novas áreas outrora desconhecidas; e a igreja, agora virtual, que se vê diante do desafio de legitimar ou não essa nova matriz de orientação espiritual.

A fusão real-virtual, agora nos domínios do religioso, acaba tendo um caráter profético, tal como idealizado por Grimes (2001, p. 223): “[...] não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada na mídia”. Esse vaticínio faz prosperar expectativas do mundo pós-*internet*, quanto ao tipo e a extensão das metamorfoses que a religião irá sofrer após passar por esse estágio de adaptação ao repertório virtual.

No segundo capítulo é feita uma abordagem teórica sobre um conjunto de conceitos que fundamentam as relações *online*, tais como mediação, digitabilidade, conectividade,

hiperdiscursividade, entre outros, os quais balizam as novas formas de práticas religiosas em rede. O objetivo é demonstrar a midiaticização da religião como consequência da adoção de um grande número de ferramentas que se interconectam, lançando as pessoas numa trama interativa intensa, marcada pela diversidade.

O autor ressalta esse aspecto em particular, ao reivindicar a importância dos fluxos interativos discursivos e rituais. Os primeiros, tratados como narrativas sobre o sagrado a partir do fluxo sistema-fiel, que leva em consideração a relação de natureza temática advindo do processo relacional técnico entre o sujeito e o sistema; ou ainda o fluxo fiel-Outro, que analisa o processo relacional pela nova abordagem espiritual que se desenha do encontro do fiel com o Deus virtual que perante ele se apresenta no percurso interativo; também o fluxo fiel-outro (internauta-sistema), de natureza mais complexa, que envolve a aceitação tácita de regras impostas pelos sistemas interativos do processo em si e de suas consequências; e finalmente fluxos fiel-outro-Outro, de base discursiva, que materializa a espiritualidade aos moldes do ambiente ao qual o fiel se integra e interage.

Essa diversidade, tal como proposta na obra, atinge tanto os indivíduos como também as ferramentas/aplicativos que utilizam: *Orkut*, *Facebook*, *Twitter* e outros espaços interativos como *blogs* e *sites*. Com isso, cria-se o que o autor identifica como “inteligência coletiva”, baseada nos resultados obtidos a partir dessa intensa interatividade.

Trata-se, portanto, de um capítulo no qual há uma tentativa de colocar a midiaticização como fenômeno transcendente à tecnologia propriamente dita, uma vez que se trata de um processo que se caracteriza a partir de um fundamento social, isto é, o sujeito ingressa em uma nova sociedade na qual vivencia novos padrões para antigos fenômenos sociais, e por isso mesmo ganha força a expressão “midiaticização social”, como forma de materializar todo esse processo.

Partindo de teorias complexas que fazem abordagens psíquicas e sociais desse fenômeno, como as desenvolvidas por McLuhan (1964) e Fausto Neto (2005), a midiaticização não implica apenas novos experimentos, mas também novos resultados deles advindos, como a “afetação” de todo o complexo humano a partir de então.

Merece destaque ainda o fato de que o próprio autor vê a necessidade de um aprofundamento da temática na literatura. Isso dependeria, segundo ele, de uma análise que considere inter-relações e interconexões como elementos que desencadeiam os processos formativos de novos perfis pessoais, numa relação de causalidade necessária para explicar os efeitos advindos desses fenômenos.

Amparado ainda nos estudos de Braga (2006) e Gomes (2006), os processos interativos ganham relevância na medida em que, pela via da mediação – o que justifica sua designação como sendo social – formam-se novos nichos referentes, como se fossem eles próprios as fontes organizadoras dos processos sociais, o que acaba colocando os meios, no dizer de Fausto Neto (2005), como agentes interativos que atuam sob as dinâmicas socioculturais, e não como gestores isolados do processo.

O interessante desse capítulo é que todo esse esforço para um entendimento mais profundo dos processos interativos, acaba chegando na Igreja e promove uma reflexão sob o efeito que tudo isso tem sobre ela. Parece bastante sugestivo que tudo esteja indicando para uma “atualização das questões de fé”, que atingem o fiel e a instituição, cada qual com suas respectivas singularidades.

Parece haver, nesse sentido, uma concordância teórica com bases nos autores consultados de que há uma mediação da fé com a consequente gestação de uma Igreja virtual.

Assim, a questão do uso em relação à técnica, que na obra é identificada como meio, também ganha relevância. A interação não se resume apenas a estar conectado e interagindo; é muito mais do que isso. Envolve também a produção/construção de dados para que sejam integrados aos ambientes, também aspectos relacionados à recepção desses conteúdos, como eles serão usados, que reações produzem; além disso, envolve também processos de percepção, leitura, decodificação, reconhecimento, reconstrução do sentido religioso, negociação, dimensões de trocas entre o usuário e programador etc.

Todas essas são questões às quais o autor está atento para construir seu arcabouço teórico e colocar em evidência os impactos dos processos interativos sob a perspectiva pragmática do acesso e uso das tecnologias, bem como os reflexos na seara religiosa.

A essas questões o autor ressalta também a importância de uma interface amigável, que possibilita ao usuário usufruir plenamente as possibilidades oferecidas pelos ambientes interativos. Porém, ele não trata a interface apenas pela perspectiva da facilidade de acesso do usuário ao conteúdo, pelo contrário, ele faz menção à não neutralidade que se encerra nesses processos interativos e como eles impactam o usuário com uma gama de informações capazes de mobilizar sua<sup>2</sup> carga religiosa e colocá-la em movimento nesse palco interativo.

---

<sup>2</sup> Na tese de doutorado que desenvolvo tenho buscado aprofundar essa questão a partir dos estudos propostos por Latour (2009, 2012), para quem as ações dos internautas partem de escolhas condicionadas com base em uma seleção previamente definida pelas plataformas ou *softwares* que são utilizados em computadores e equivalentes, que se baseiam em inteligência artificial e técnicas fundamentadas em algoritmos.

O terceiro capítulo é dedicado a uma reflexão sobre os serviços católicos oferecidos nos ambientes virtuais. Uma ampla gama de ofertas que engloba comércio eletrônico, educação, institutos, entidades, diversão, esportes, lazer, novelas. Uma vasta diversidade de categorias que assinala que a Igreja se desloca para esse ambiente, e nele se posiciona disposta a se virtualizar.

Ao definir o *corpus* da pesquisa, fica patente a tentativa do autor em analisar em maior profundidade o fenômeno religioso (Católico) na *internet*, sob a perspectiva interativa, razão pela qual a universidade simbólica ganha, nesses espaços, um novo aparato capaz de funcionar como mediador do sagrado.

A partir do recorte de textos, *links* e imagens, o fiel-internauta, já identificado como alguém que expande seu potencial sensório, passa a dialogar com uma nova realidade imaterial dos símbolos, agora virtuais, tais como velas, altares, missas *online*, que se tornam mais próximos a si no que tange ao contato e ao acesso imediatos, sem a intervenção física do templo e do sacerdote.

Também a questão da estrutura organizacional é tratada pelo autor sob uma perspectiva tecnológica, que conjuntamente com uma interface amigável é capaz de oferecer um *menu* variável, mas estrategicamente estruturado para assediar direta, e também indiretamente, o fiel, para que ele possa não se distanciar totalmente dos fenômenos considerados centrais, pela perspectiva da Igreja, para sua prática de fé.

O autor se apropria do parecer de autores como Lévy (2003) e Santaella (2003), como forma de justificar a construção de modelos remotos de controle sobre aquilo que o fiel acessa em seu percurso *online*. Isso se dá, por exemplo, pela hierarquização dos *links*, posicionamento das imagens, tamanho e disposição dos textos, etc.

A partir de toda essa trama discursiva, a Igreja constrói sua narrativa semiótica com o fiel, transformando tudo, sob uma dimensão interativa, em um signo comunicativo de sua mensagem numa tentativa de se manter em contato com ele.

O estudo produz algumas conclusões ressaltadas pelo autor, entre elas a ressignificação da experiência religiosa nos ambientes virtuais.

Outra conclusão é que os espaços interativos virtuais se constituem do ponto de vista religioso católico, ambientes de ganhos e perdas para os fieis e para a Igreja.

Importante destacar ainda a necessidade da Igreja em fazer convergir para um sentido mais *strico sensu* dois pólos importantes da interação com seus fieis, a saber, sua narrativa discursiva e a interface de seus ambientes virtuais.

Enfim, é demandado da Igreja compreender de seu novo papel com o rebanho e a necessidade de se adaptar a ele pela adoção de fórmulas interativas inéditas, ainda não experienciadas em seu percurso histórico.

O livro é um importante suporte para os estudiosos do fenômeno religioso contemporâneo, fornecendo pistas relevantes para o entendimento dos caminhos da religião na era da tecnologia e das redes sociais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. Ciberespaços sagrados: as capelas virtuais no catolicismo contemporâneo. 2007. *In: Estudos de Sociologia*, v. 13, nº I, pp. 175-194.

CARRANZA, B. **Catolicismo midiático**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

FAUSTO NETO, A. Uma palavra a mais. *In: GOMES, P. G. Da Igreja Eletrônica à Sociedade em Mídia*. São Paulo: Paulinas, 2010.

HINE, C. **Etnografia virtual**. 2 ed. Barcelona: Colección Nuevas Tecnologias Y Sociedad, 2004.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *In: BRAGA, A. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. É-Compós. Brasília, v. 15, n.3, set-dez/2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: 34, 2009.

\_\_\_\_\_. Reagregando o social: **uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba; Bauru: EDUSC, 2012.

MELO, A. **O que é globalização cultural**. São Luiz: Quimera Editores, 2002.